

## Apresentação

O ano de 2017 foi bastante produtivo para a Revista NERA. Incluindo a presente edição, foram publicadas outras seis – duas em caráter de dossiê –, contendo sessenta e nove artigos. As contribuições vieram de autores de diversos países, com destaque para a América Latina, o que consolida esse periódico como uma referência na discussão sobre a atualidade da Questão Agrária. Além de abordagens críticas à expansão do modelo do agronegócio, foram divulgadas e debatidas ações alternativas construídas por movimentos e comunidades camponesas e indígenas.

Em 2017, a Revista NERA passou a ser reconhecida como de nível A2 pelo sistema Qualis da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), galgando um espaço de referência na Geografia Agrária brasileira. Essa é a razão para que o número de submissões de trabalhos esteja crescendo de maneira intensa, o que exige da equipe editorial um esforço ainda maior.

Diante de tal contexto, a edição derradeira de 2017 contém 12 artigos que versam sobre diferentes processos da Questão Agrária e suas multiescalaridades e multidimensionalidades.

Os dois primeiros trabalhos trazem à tona a discussão sempre atual da relação entre o capitalismo e o campo. Em “Martelos nas cercas: ainda temos uma Questão Agrária?”, Cléber Bosetti faz uma análise sobre o discurso adotado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST) visando justificar a implementação da reforma agrária no Brasil. Destaca-se que apesar de serem produzidas diferentes conjunturas sócioeconômicas, o tema permanece pertinente, o que evidencia uma Questão Agrária não resolvida. A relação capital *versus* terra é retratada em “Origem e desenvolvimento do capitalismo no campo: uma análise para além dos números”, de Flávia Lorena Brito e Odimar João Peripolli. Tomando o Brasil como referência, os autores enfatizam que, na atualidade, tem se fortalecido a tendência de as políticas públicas partirem de um entendimento do capitalismo como totalidade, sem considerar a diversidade das relações sociais produzidas no campo.

A concretude da abordagem acima referida aparece nos dois artigos seguintes. Em “Estratégias de territorialização das corporações agroextrativistas na América Latina: o caso da indústria de celulose no Brasil”, Guilherme Marini Perpétua, Markus Kröger e Antonio Thomaz Junior sustentam que, da maneira como está estruturada, a produção de celulose implica necessariamente a pilhagem ilimitada de recursos territoriais, em detrimento dos povos originários, tradicionais, camponeses e dos trabalhadores vinculados ao processo produtivo, no campo e nas fábricas, e da população das áreas atingidas, como um todo. Por seu turno, Lorena Izá Pereira, em “Aquisição de terras por estrangeiros no Brasil: uma análise através do debate paradigmático”, debate as diferenças entre os termos *land grabbing* e

estrangeirização de terras como forma de problematizar a aquisição de terras por estrangeiros no Brasil.

Os próximos quatro artigos exemplificam ações de resistência camponesa e indígena contra a expansão do agronegócio no campo e nas florestas. Letizia Odeth Silva Ontiveros, no texto “La movilización contra el despojo de minera San Xavier: veinte años de lucha en Cerro de San Pedro, México” destaca o processo de resistência da comunidade local contra a mineradora San Xavier, atuante de Cerro de San Pedro, no México. O trabalho “Las nuevas Zonas Económicas Especiales en México: despojo agrario y resistencia campesina”, escrito por Agustin Avila e Leon Enrique Avila Romero destaca que a criação de Zonas Econômicas Especiais pelo governo mexicano intensificou a inserção desse país na lógica neoliberal, causando consideráveis impactos em comunidades camponesas, as quais criam estratégias de resistência que se acentam em perspectivas alternativas para a propriedade da terra. Um exemplo de resistência brasileiro aparece no texto “Luta pela terra em Mirandópolis (SP): trajetória do Acampamento Nova Esperança”, de Marco Aurélio Arlindo da Silva e Rosimeire Aparecida de Almeida. Os autores abordam a trajetória de vida de camponeses que participaram do acampamento Nova Esperança, espaço de luta que deu origem ao assentamento Primavera II, em Mirandópolis. Por fim, Annette Aurélie Desmarais, Darrin Qualman, André Magnan e Nettie Wiebe, no trabalho “¿Propiedad agrícola para los inversionistas o las inversiones sociales? La transformación de la propiedad de la tierra en Saskatchewan, Canadá” destacam os grandes negócios por terras envolvendo estrangeiros na província de Saskatchewan, no Canadá.

Seguindo, constam dois artigos que problematizam as disputas pelo modelo de desenvolvimento para o campo por meio de políticas públicas. Rafael Rossi e Icléia Albuquerque de Vargas, em “Ideologia e Educação: Para a Crítica do Programa Agrinho”, discutem a origem, natureza e a função social da ideologia no ser social e a orientação ideológica presente no material didático do Programa Agrinho no Estado de Mato Grosso do Sul. Natália Thaynã Farias Cavalcanti, Marta Cristina Marjotta-Maistro e Adriana Estela Sanjuan Montebello, em “O Programa de Aquisição de Alimentos (PAA): uma avaliação por regiões brasileiras no período de 2011-2014” utilizam-se de dados oficiais para discutir a compra institucional de alimentos no Brasil. Constatou-se que a região Nordeste se destacou entre as demais em termos de volume de recursos (R\$), volume da produção (Kg), entidades atendidas, número de organizações e abrangência, porém possui os fornecedores que menos receberam recursos.

Os dois artigos que encerram essa edição da Revista NERA abordam elementos do modo de vida e produção do campesinato. Christian Nunes da Silva, Hugo Pinon de Sousa, Thiago Maciel Vilhena, Joanderson Barra Lima e João Marcio Palheta da Silva, em “Modo de vida e territorialidades de pescadores da comunidade Cajueiro em Mosqueiro (Belém-

Amazônia-Brasil)” a partir de dados de campo e de levantamentos cartográficos sobre as atividades de subsistência realizadas por populações de pescadores amazônidas, apresentam algumas categorias de análise territorial que podem ser trabalhadas no uso dos recursos naturais, levando em consideração os modos de vida dessa população, a abrangência territorial sob influência da pesca e os mecanismos de representação territorial elaborados com o auxílio de técnicas de mapeamentos participativos. Andrea Yumi Sugishita Kanikadan e Rafael José Navas da Silva, em “O desenvolvimento como liberdade na comunidade quilombola do Carrasco no município de Arapiraca (AL)” reconhecem a multifuncionalidade da agricultura como possibilidade de desenvolvimento como liberdade, para a comunidade quilombola do Carrasco, em Arapiraca-AL.

De tal modo, os trabalhos aqui contidos apontam para um contexto de intensa conflitualidade no campo e nas florestas. O avanço do capitalismo tem sido acompanhado de re-existências de camponeses e indígenas, o que leva a emergência de novas práticas especiais e disputas pelo modelo de desenvolvimento.

Aproveitamos o ensejo para agradecer a todos os leitores da Revista NERA, os quais foram de fundamental importância para o produtivo ano de 2017 e ao mesmo tempo desejamos a todos um 2018 de muita luta e resistência.

Uma boa leitura!

Prof. Dr. Estevan Leopoldo de Freitas Coca  
Editor da Revista NERA